

LINGUAGEM CIENTÍFICA

José Duarte Vannucchi*

O modo como os falantes usam a língua está relacionado com vários fatores, como objetivos da comunicação, contexto, interlocutores, idade, sexo, ideologia, interesses profissionais etc.

Basicamente, há dois tipos de comunicação através da palavra: a comunicação estética e a comunicação não-estética.

A primeira tem como produto o texto literário; a segunda, o texto não-literário. O texto literário é o resultado da elaboração artística do material lingüístico; é obra de arte construída com palavras; tem objetivos estéticos. Já o texto não-literário é de outra natureza: tem função utilitária, faz do material lingüístico mero instrumento para a transmissão de mensagem. No texto literário há muita conotação, ou seja, o vocábulo pode ser usado com significados novos que o autor lhe confere, enquanto no texto não-literário predomina a denotação, isto é, o vocábulo é usado com o (s) significado (s) que lhe conferem os dicionários e que estão ao alcance de todos.

Assim como o texto literário pode apresentar-se sob diversas formas (ô), como conto, crônica, poema etc., também o texto não-literário pode diversificar-se bastante, atendendo à finalidade a que se destina: texto jornalístico, religioso, jurídico, comercial, empresarial etc.

Um tipo muito importante de texto não-literário é o científico. Caracteriza-se pelo rigoroso emprego das denominações, dos tecnicismos, uso do termo exato, ordem direta (das palavras na oração e das orações no período), clareza, nenhuma ambigüidade, Português culto, muita coesão e coerência etc. Enfim, é uma linguagem unívoca, monossêmica, precisa, objetiva, concisa, enxuta. Ao mesmo tempo é muito enriquecedora, visto que, para atender a necessidades várias, está constantemente criando palavras, os neologismos científicos, quase sempre com a ajuda de afixos e radicais gregos e latinos. Inclui, evidentemente, a utilização de números, fórmulas, símbolos etc.

É a linguagem, por exemplo, da medicina, das ciências exatas, do direito, da filosofia, da economia, da agronomia, da astronomia, e assim

por diante.

O texto científico ou técnico está muito presente no dia-a-dia das pessoas que, muitas vezes, para decodificá-lo, precisam da ajuda dos especialistas. É o que ocorre, por exemplo, com uma bula (texto misto mais dirigido ao médico do que ao leigo), uma planta de construção, um manual de instruções, um livreto de carro zero, descrevendo e explicando, por exemplo, o funcionamento do motor e do sistema de transmissão, a orientação para fazer funcionar um eletroeletrônico, operar um computador etc.

Essa linguagem não costuma fazer concessões aos não-iniciados, o que lhe dá certo caráter esotérico. É uma linguagem usada pelos membros da confraria... Não existe interesse em facilitá-la, trocá-la em miúdos, para que todos a entendam. Sírio Possenti, lingüista da Unicamp, é de opinião de que “inconscientemente, ninguém quer explicar nada e, sim, preservar seu poder por meio da linguagem”. E diz mais: “Por meio do léxico (conjunto de palavras de uma língua) os grupos criam laços com seus pares e separam os diferentes”. Não dá para discordar, já que, muitas vezes, é inegável que o jargão é usado como instrumento de poder sobre o outro ou, simplesmente, para gerar não-comunicação. Bom exemplo temos no vocabulário médico, que é rigorosamente técnico e tem por destinatário o médico e não o leigo. O jargão que os médicos, com muita naturalidade, usam entre si, na presença do paciente, serve também para impedir que, para o seu próprio bem, fique sabendo o que está acontecendo com ele...

É bom lembrar, porém, que já se manifesta claramente em alguns setores decidida reação contra o emprego de tecnicismos, pelo menos em certas situações. Propõe-se o abrandamento ou a “tradução” da linguagem científica. (Esta só é amenizada, mas nunca totalmente suprimida, quando existe a preocupação de ensinar, como acontece nos

Rev. Fac. Ciênc. Méd. Sorocaba, v. 6, n. 1, p. 46 - 47, 2004

* Mestre em Lingüística e Professor de Língua Portuguesa na Universidade de Sorocaba.

livros didáticos e nas publicações de divulgação científica para o grande público).

É exatamente o rigor da linguagem científica que deu origem à bem-humorada criação de palavras como economês, informatiquês e tantas outras. São designações que pretendem passar a idéia do caráter esotérico dessas ciências. (Muitos devem lembrar-se do caso do jornalista Joelmir Beting, que se tornou muito lido justamente por “traduzir”, com muita habilidade, para os leitores da Folha de São Paulo as complicações dos textos de economia.)

Para concluir, recordemos que o estudo dos muitos e complexos ramos do cada vez mais vasto conhecimento humano gera, inevitavelmente, uma linguagem própria, específica e indispensável para a descrição, explicação e divulgação desse conhecimento. Daí, como conseqüência, o surgimento de dicionários especializados - dicionário de termos médicos, de economia, de lingüística, de filosofia etc. - que dão ao leigo o gostinho de poder penetrar um pouco num mundo para cujo acesso se exigem anos de muito estudo e muita dedicação.

As opiniões expressas nesta seção representam o ponto de vista de seu Autor e não, necessariamente, o da Revista.

SOLUÇO

... Depois falou Aristófanes. Exatamente neste momento, porém, seja por intemperança, seja por qualquer outra causa, Aristófanes foi acometido por soluços e não pôde falar. Conseguiu somente dizer ao médico Erixírnaco, ao pé do qual estava:

“Caro Erixírnaco, compete a ti livrar-me destes soluços, ou falar em meu lugar até que estes soluços me abandonem.”

Respondeu Erixírnaco: “Farei tanto uma coisa como a outra: falarei em teu lugar e, depois de te livrares dos soluços, falarás quando chegar a minha vez; e enquanto eu estiver falando, será conveniente que te esforces por conter durante algum tempo a respiração, pois assim os soluços cessarão; se não cessarem, fará alguns gargarejos com água; e se, por serem muito fortes, ainda persistirem, serve-te de qualquer coisa com que possas, sem o ferir, coçar o nariz, e provocar espirros: se fizeres isso uma ou duas vezes, os soluços cessarão de vez, por mais intensos que sejam.”

O Banquete - Platão (429 - 347 a.C.)